

LITERATURA BRASILEIRA
Textos literários em meio eletrônico
Gregório de Matos

Obra Completa, de Gregório de Matos, vol. V,
Janaína, Salvador, 1972

MARIANA, APELIDADA A ROLA

"Foy Dama, em quem admirou esta cidade huma prodigiosa transmutação: porque sendo em suma pobreza pouco parecida, aconteceu, que pedindo huma esmolla a Thomaz Patrício mercador Inglês chamado Mazullo, por ter hum esquipatico nariz, se namorou della de tal sorte, que dispendeo com ela grosso cabedal, trajando ricas, e custosas galas, e assim se fêz admiravelmente formosa. Esta algumas vezes he tratada pelo seu nome, e outros pelo poético disfarce de Anarda."

(Manoel Pereira Rabelo, Licenciado)

"Também você tem licença
(me disse a Mõça) porque
onde há lei de cortesia
não val comigo outra lei"

"Era uma estrêla? pior,
a estrêla que tem que ver?"

**FOI VISTA ESTA DAMA PELO POETA EM CASA DE HUA AMIGA INDO DIVERTIR-SE
AO CAMPO COM CERTO SUGEYTO.**

ROMANCE

Eu vi, Senhores Poetas,
quarta-feira pelas três
do presente mês, que corre,
o prodígio, que direi.
la eu por certo bairro,
que agora calar convém,
porque o lanço me não furtem,
ao campo a esparecer.
Acompanhava-me entonces
um amigo, que à mi fe
e douto disto de fêmeas,
porque as conhece el por el.
Eis que em frente de uma porta,
que sua urupema tem,
ouvimos um ruge-ruge
da sêda de um guarda-pé
Chegou logo o tal amigo,
que no que toca a saber
segredos, de quem será,

e grandíssimo corcês.
Chegou, como tenho dito,
e mesurado de pés
abriu a urupema, e disse,
sois vos, Dona Bersabé!

Ao que ela respondeu logo,
esta sou: entre você;
ia ele já quase entrando,
quando eu da rua gritei:
"Tá, que não é cortesia
entrar só vossa mercê,
deixando-me a mim na rua,
que de inveja morrerei"
"Também você tem licença
(me disse a Môça) porque
onde há lei de cortesia
não val comigo outra lei."
Palavras não eram ditas,
quando eu logo a quatro pés
me emboquei pela urupema,
tomei vênia, e me assentei.
Fitei os olhos na Môça
e embasbacado de a ver
estive co'a alma no papo
morrerei não morrerei.
Mas subindo-me a memória,
que era obrigado por fé
servir ao menos sete anos
Jacó a bela Raquel;
Acordei do paracismo,
e fiz tanto por viver,
que estou capaz de pintar-vos
quão jeitosa a Môça é.
Era, se creio a meus olhos,
e e crível o meu pincel,
Anjo disfarçada em Dama,
ou flor mentida em mulher.

Era um sol: mal a comparo:
porque o sol que tem que ver,
tendo a caraça redonda
mascarada de ouropel?
Era uma estrêla: pior,
a estrêla que tem que ver?
é pisca em anoitecendo,
e vesga ao amanhecer.
Era uma jóia; mal disse;
porque com quatro vinténs
se compra uma boa jóia,
e esta Môça nem com dez.
Era um diamante; tampouco,
que o diamante vem a ser
um parto bruto da terra,

e ela imagem de Deus é.
Eu digo desta vez: era
Maria: mas não sei, em que
se me pega a voz, que enfim
não acabo de o dizer.
Digo, que era Mariana
"disse-o?" que remédio tem?
já dei co segrêdo em terra;
mal fiz: mas aliviei.
É linda; e que manso o digo:
tem garbo: e como que o tem,
e bonita, não sei como,
e tem gravea como quê.
Mais que o favor, e o carinho
da mais formosa mulher
val de Mariana um riso:
que digo um riso? um desdém.

Neste estado ia o debuxo
dêste meu tosco pincel,
quando pela porta entrou
todo o firmamento a pé.
Entrou uma linda Môça,
que mora logo através,
pela porta do quintal,
traidoramente fiel.
Fizemos-lhe a reverência,
e ela com gentil prazer
nos disse "as de vossarcedes,
e nos as de vossarcê."
Foi-se a ela o meu amigo
quel Pirata Dunquerque,
e a rendeu a bom partido,
porque pediu bom quartel.
Estimei a ocasião,
porque co'a outra fiquei
tão só, que os meus segredinhos
lhe pude entonces dizer.
Fretam-nos finalmente
para a semana, que vem,
que por estar achacada,
de achaque se quis valer
A outra Môça do amigo
ficou fretada também
para qualquer outro dia,
porque bem sabe em qualquer.
Isto, Senhores Poetas,
é, o que a quarta passei,
e o que suceder à quinta
darei a vossas mercês.

**RECOLHIDO O POETA A SUA CASA ASSASMENTE NAMORADO QUE HAVIA VISTO:
NAO PÓDE SOCEGAR SEU AMANTE GENIO, QUE LHE NÃO MANDASSE NO
OUTRO DIA ESTE ENCARECIMENTO DE SEU AMOR.**

SONETO

Ontem quando te vi, meu doce emprêgo,
Tão perdido fiquei por ti, meu bem,
Que parece, êste amor nasce, de quem
Por amar-te já vive sem sossêgo,

Essa luz de teus olhos me tem cego,
E tão cego, Senhora, êles me têm,
Que é fineza o adorar-te, e assim convém,
A ti, ó rica prenda, o desapêgo.

Eu buscar-te, meu bem, isso é fineza,
Tu deixares de amar-me é desfavor,
Eu amar-te com fé, isso é firmeza.
Tu ausente de mim, vê, que é rigor,
Nota pois, que farei, rica beleza,
Quando amar-te desejo com primor.

**TORNA O POETA A INSTAR SEGUNDA VEZ SEM SE AFASTAR DO SEU
ENCARECIMENTO**

DÉCIMA

Maricas, quando te eu vi,
tanto a minha alma roubastes,
que não sei, se me acabastes,
ou se eu fui, que me perdi:
porém sempre presumi,
que êste amor, que há entre nós,
causa pena tão atroz,
que a mim no fim me tem pôsto,
porque nada me dá gôsto
quando me vejo sem vós.

A MUDANÇA QUE FEZ ESTA DAMA FAZ AGORA O POETA MENÇÃO

DÉCIMAS

1

Tenho por admiração,
Menina, e por coisa rara,
que mudásseis vós de cara,
porém não de condição:
vendo-vos nesta ocasião
de feições tão desmentida,

mais dura, e mais sacudida,
vos julguei (porque o revele)
qual cobra, que despe a pele,
mas não põe emenda a vida.

2

Como não terá desgosto,
quem adora uma beleza,
se sem mudar natureza
tão mudada está de rosto?
para vós me dareis gosto,
e pegardes minha fé,
o que haveis de fazer, é,
(por dar-me algum galardão) mudares de condição,
mas de cara, para quê?

3

Cara, que já me agradara
por bonita, e por graciosa,
comigo e mudança ociosa,
convosco é mudança cara:
se Amor vos enganara, que me parecíeis bem,
não tivéreis vos por quem
fazer esta variação,
sendo vária na afeição,
e tão firme no desdém.

4

Não digo, minha Senhora,
mal da vossa perfeição;
quero Mariana de então,
e não Mariana de agora:
que quem vos ama, e adora
tão firme, e constantemente,
quer, que saiba tôda a gente,
que minha alma enamorada
não da Mariana passada
por Mariana presente.

5

Quem faz mudanças na cara,
bem que não no coração,
sempre deixa a presunção,
que por pouco se mudara:
eu a amar-vos não chegara
sem ter por delito atroz,
que haja mudança entre nós:
pois não só mudar se chama,
irdes vós para outra Dama,
como de vós para vós.

6

Ou mudada, ou não mudada
vos afirmo reverente,

que sois mais môça ao presente
para ser fruta passada:
e está tão idolatrada
de mim essa cara bela,
que ou seja esta, ou aquela,
o que agora importa, é,
que deis um jeito, com que
eu pobre me logre dela.

A MESMA MARIANNA PEDINDO LHE FIZESSE HUNS VERSOS, ENCONTRANDO-A NO MAR INDO PARA FORA.

DÉCIMAS

1

Os versos, que me pedis,
podendo-os mandar formar,
que vós por me não mandar,
não mandareis dois ceitis:
como sem assunto os fiz,
pois vós a vosso contento,
não destes o pensamento,
os rasgues, por ser melhor
assunto do meu amor,
que o vosso contentamento.

2

Por sete anos de Pastor
serviu Jacó a Raquel,
eu servi a uma cruel,
mais de sete anos de amor:
a Jacó lhe foi traidor
Labão: cuja aleivosia
por Raquel lhe entregou Lia,
e a mim não pior me vai,
se me não engana um Pai,
veio a enganar-me uma Tia.

3

Esta tão assegurada
me propôs a refestela,
que cuidei, que tinha nela
a tutia preparada:
enganou-me de malvada
tanto pior, que Labão,
que Lia a Jacó lhe dão,
bem que com sorte trocada,
e a mim nem Lia, nem nada
me deram, dão, nem darão.

4

Oito anos há, que fiel,
estou servindo a um amor,

que Labão não foi pior,
porque vós sois a Raquel:
esta ingratidão cruel
foi o meu triste alimento
oito anos, e fôra um cento,
porque quem chega a querer,
para ajudar-se a viver
faz do Malquerer sustento.

5

Ontem vos topei no mar
em uma barca tão breve,
quem nem por ligeira, e leve
os pôde a vista alcançar:
pus-me logo a duvidar,
vendo-vos ir sôbre pôpa,
se sériéis vós Europa
sôbre a vaca fabulosa,
mas vós íeis mais formosa,
do que Europa, e tôda Europa.

6

Se hei de dizer-vos verdade,
e me haveis de crer a mim,
até o meu bergantim
ficou morto de saudade:
ficou de tal qualidade
a barquinha entropedida,
que nem do vento impelida,
nem do remo forcejada
se moveu, antes pasmada,
que a vi por vós perdida.

7

Com trabalho em tanta calma,
(que o trabalho havia eu tido,
por não haver conhecido;
o que tinha dentro n´alma)
leveí do perigo a palma,
e ao pôrto o bergantim,
e saindo dêle enfim
soube já na terra lhana,
que éreis vós a Mariana
disfarçada em serafim.

8

Então fiquei mais absorto,
mais sentido, e pesaroso
mais amante, e mais saudoso,
enfim então fiquei morto:
nestes versos me conforto,
pois nêles se queixa Amor:
e inda que o vosso favor
é coisa, que nunca espero,

digo ao menos, que vos quero,
e alivio a minha dor.

**SENTIO-SE MARIANNA DE QUE O POETA PUBLICASSE SEU NOME SABENDO, O
QUE DEVIA A THOMAZ PATRICIO, E QUE, PERSERVERASSE AINDA NA EMPREZA,
AO QUE RESPONDE O POETA COM O SEGUINTE**

MOTE

Se tomar minha pena em penitência
Do êrro em que caiu o pensamento
Não abranda, mas dobra meu tormento:
A isto, e a mais obriga a paciência.

GLOSA

1

Bem conheço, Senhor, que hei errado,
Em pedir-vos afeto tão rendido,
Mas bem vêdes, que andei muito acertado,
Em vos dar meu amor enternecido:
Baste a pena de não ser vosso amado,
Se punir-me quereis por atrevido,
Que mereço da culpa a indulgência,
Se tomar minha pena em penitência.

2

Quando viram meus olhos a beleza
Dêsse rosto, e os mates dessa graça,
Logo a fé de querer-vos com firmeza
Dedicar-vos pensei do amor por traça:
Se julgais por arrôjo esta fineza,
Ou dizeis, que é meu êrro por desgraça,
Emendar-me, Senhora, não intento
Do êrro em que caiu o pensamento.

3

Sim dos tempos fiar posso a ventura,
Porque o tempo domina na vontade,
Mas medicina é esta, que não cura
de uma amor excessivo a enfermidade:
Porque eu logre essa rara formosura
Quer Amor, que deixeis a crueldade,
Que o remédio do tempo, como é lento,
Não abranda, mas dobra meu tormento.

4

Nesse cravo partido por fiança
Se o remédio do tempo é aplicado,
Não duvido, que só desta esperança
Viver possa o amor mais alentado:
Abster quero já agora da esquivança

Meu amor na esperança sossegado,
Que a viver um amor em abstinência
A isto, e a mais obriga a paciência.

ADOECCENDO MARIANNA GALANTEA O POETA SUA ENFERMIDADE.

ROMANCE

Enfermou Clóri, Pastôres,
por ter de humana um só es.
que também padece males,
quem logra em si tantos bens.
Clóri, digo, aquêlo extremo
de formosura cruel,
que a quantos vê, tira a vida,
hoje prostrada se vê.
Triunfa agora o achaque,
o que nunca fez ninguém,
porque levar Clóri à cama,
o mal só agora fêz.
Dizem, que adoeceu Clóri,
por lhe faltar não sei quê,
eu não sei, que faltar possa,
a quem tão perfeita é.
Mover dúvidas podia
esta doença fazer,
porque haver em Clóri faltas
grande causa é de as morrer.
Nunca quis Clóri sangrar-se
nos bracos, senão nos pés,
que de puro soberana,
não dá seu braço a torcer.

Mostrou seu pé ao Barbeiro,
que com suspensão cortês,
inda que água era mui pouca,
não podia tomar pé.
Água fria pediu logo
com brevidde, porque
com a quente se podia
tanta neve derreter.
Então vadio o Barbeiro
com Clóri quis entender
que como a colheu descalça,
dizem, que a picara bem.
Desmaiou Clóri sentida,
dando bem a perceber,
que a tal sangria lhe custa
gôtas de sangue esta vez.
Com sal na bôca diverte
o desmaio, mas eu sei,
que bôca tão engraçada
nenhum sal há de mister.

Que foi supérfluo o remédio
do sal, não duvide alguém,
porque quem é luz do mundo,
sal da terra deve ser.
Logrou bem o sangrador
privilégios de Moisés,
da pedra não, mas de um jaspe
fez também sangue correr.
Agora chegai, formosas,
nestas côres aprender
o melhor branco da neve,
do coral o mais fiel.

Chegai a ver êstes mares,
onde em crescida maré
dentre a neve matizada
belos rubis colhereis.
Tôdas, as que amor lhe tinham,
parece, que ódio lhe tem
pelo muito, que desejam
chegar seu sangue a beber.
Mas todos ficam em branco,
quando vêem convalescer
a Clóri do seu desmaio,
e da doença também.

**CONTINUA O POETA NA MESMA EMPREZA DE SER ADMITIDO FAZENDO GALA DO
SEU MESMO DESPREZO.**

MOTE

Não me queixo de ninguém,
se bem, que por vida minha
que bastante causa tinha
para queixar-me de alguém.

GLOSA

1

Queixar-me a mais não poder
e despedir o pesar:
amar, querer, e queixar
e queixar-se do querer:
eu, que isto sei entender,
e alcanço, que me está bem
não queixar-me de um desdém
por mostrar, que estimo a causa,
dando a meus alívios pausa,
Não me queixo de ninguém.

2

Se me queixo de uma dor,
abro a porta a meu tormento,

e não perco um sentimento
porquanto gostos dá Amor:
vencer a pena e melhor,
que render-se a uma dorzinha:
e quando a Parca mesquinha
da vida os fios me corte,
passarei por minha morte,
se bem, que por vida minha.

3

Se Clóri de mui querida
é alma do meu viver,
porque a morte hei de temer
dada pelas mãos da vida?
que vida mais bem perdida,
que dar eu, não sendo minha,
a vida, a quem ma sustinha?
e quando não baste isto,
sei eu, por havê-la visto,
Que bastante causa tinha.

4

Bastante causa tivera,
já que não para queixar-me,
para morrer, e matar-me
por calar pena tão fera:
e inda que a fineza era
calar a rigor, de quem
me mata a puro desdém,
calar por mais perfeição
não tira o ter eu razão,
Para queixar-me de alguém.

**FOY PREZA MARIANNA PELOS REPETIDOS ESCANDALOS COM THOMAZ
PATRICIO POR ORDEM DE SUA ILUSTRISSIMA, E RAYOVOSO O POETA DO
PASSADO LHE FEZ ESTE.**

SONÊTO

Esta prêsa uma Dama do Xadrês,
um nôvo serafim de Satanás,
Aquela, que em querer muito a Tomás,
Esta já feita a roupa de Francês.

Mudou de herege a Idolatrino Inglês,
E sacrifica tanto êsse Mangaz,
Que de tudo, o que tem vítima faz,
E dá cos burros n'água desta vez.

Prêsa uma Dama? nome de Jesus!
Mas eu digo, que foi reto o Juiz,
Que a condena à prisão por esta cruz;

Porque o caso é tremendo, e o mundo diz,
Que se mata uma Rôla, uma Avestruz
Por um herege de tão grão nariz.

A FUGIDA QUE FEZ DA CADEYA MARIANNA COM O FAVOR DO CHANCELLER DA RELAÇÃO DESTE ESTADO, COM QUEM ELLA TINHA ALGUNS DESHONESTOS DIVERTIMENTOS

DÉCIMAS

1

Na gaiola episcopal
caiu por dar no pinguelo
um pássaro de cabelo
pouco maior, que um Pardal:
O Passareiro real
ou de lastima, ou carinho,
ou já por dar-lhe co ninho,
brecha lhe abriu na gaiola:
não quis mais a passarola,
foi-se como um passarinho.

2

A Rolinha, que as amola,
zomba, de quem se desvela,
por colhê-la na esparrela,
ou tomá-la na gaiola:
não é passarinho a Rôla,
que no débil embaraço
caia de linho, ou sedaço,
salvo um Mazulo nariz
se lhe põem por chamariz,
que então cairá no laço.

3

Se o Prelado tem jactância
de a tornar a reduzir,
ojos, que la vieron ir,
no la veran mas en Francia:
que ela de estância em distância,
e de amigo em amigão
assegura o cordovão,
porque é segura cautela,
que quem se prende com ela,
não a dá a outra prisão.

4

Quem no mundo há de ter modos
de prender uma mulher
tão destríssima em prender,
que de um olhar prende a todos:

que Medos, Partos, ou Godos,
que Ministro, ou Regedor
a há de prender em rigor,
se ela àqueles, que por lei
prendem da parte d'El-Rei
prende da parte do Amor.

Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística